

Até Jazz

JERÓNIMO BELO



A poética incómoda do Jazz

«O Jazz é a flor que, apesar de tudo, desabrocha no pantanal.» — Archie Shepp (1937-), saxofonista americano, compositor e activista.

Aos 81 anos, o saxofonista já ganhou um estatuto de enorme dignidade — de lenda. E continua vivo e activo.

Figura proeminente na luta dos direitos cívicos nos Estados Unidos, torna-se muito próximo de Malcom X, quando este lança o “Black Muslim” — movimento activista muçulmano pró-violência.

É a partir dessa altura, na década de 60, que se devota às artes, especialmente poesia e dramaturgia. E com o pianista Cecil Taylor traça os rumos do Jazz “Free”, em que música e política e toda a espécie de contestações se misturam.

Passa a viver em Harlem, Nova Iorque, o conhecido “gueto negro”, onde organiza manifestações contra a crueldade da Ku Klux Klan e do FBI, que protegem a repressão branca.

Em 1963, enquanto participava na peça de “living theater”, “The Connection”, o poeta e dramaturgo Le Roi Jones (Amiri Baraka) é preso, espancado e torturado pela Polícia de Nova Iorque.

A militância do saxofonista da Flórida estende-se a Detroit, zona de enorme violência racial, regressa a Nova Iorque, após ter fundado o seminal “New York Contemporary Five”, que um dia vi/ouvi na Gulbenkian, em Lisboa, com o Amiri Baraka, autor do “Povo dos Blues” a dizer poesia dos tempos da luta.

Nesse ano, 1965, Malcom X é assassinado e surgem as bases da luta radical do “Black Power”. E é com Sheep, Cecil Taylor, Ornette Coleman, que nesse ano, o “Free Jazz/Black Power” atinge o auge expressionista via saxofone pungente e furioso de Archibald Vernon Shepp, Archie Shepp, colaborador de Coltrane e Cecil Taylor, um dos mais lídimos representantes do Jazz de sempre!

A tal “flor que desabrocha no pantanal” é um dos seus versos quando fala de Jazz. E uma espécie de bússola pessoal sempre que vivo as deambulações do Jazz. E sonho.

Dia Internacional do Jazz no mundo

O Embaixador da Boa Vontade da UNESCO, o genial pianista e compositor Herbie Hancock, já anunciou o programa para este 30 de Abril (2019). A sessão principal será na Austrália.

E em mais de 190 Estados-membros da UNESCO a Festa do Jazz vai acontecer à medida das possibilidades de cada um.

Herbie Hancock, o trompetista australiano, James

Morrison e o director musical John Beasley (Estados Unidos) organizarão um “All Stars” (reunião de músicos para uma ocasião muito especial) com músicos de mais de uma dezena de países estarão presentes no Conservatório de Melbourne. Já estão confirmados: Cieavash Arian (Irão), William Barton e Matthew Jodrell (Austrália), Till Bronner (Alemanha), A Bu (China), Igor Butman (Federação Russa), Eli Degibri (Israel), Kurt Elling, Dee Dee Bridgewater, Eric Reed, Somi, Lizz Wright (Estados Unidos), Terek Yamani (Líbano), António Sanchez (México), Tneke Postma (Países Baixos), Eijiro Nakagawa (Japão), Mark Nightingale (Reino Unido?), Chico Pinheiro (Brasil). E ainda haverá mais participantes a anunciar nos próximos dias, de acordo com a fonte oficial da Organização (UNESCO e o Herbie Hancock Institute of Jazz).

E na Austrália a “Festa” vai acontecer também nas cidades: Adelaide Mount Gambier, Sydney, Perth, para citar apenas estas.



A cantora angolana Katiliana será uma das vozes da noite, acompanhada de um quinteto “Sound Trip Band”

caminho do futuro.

E os seus cúmplices são competentes e cumpridores. Temas de John Coltrane, Chick Corea e Herbie Hancock — geniais criadores — serão recriados pelo Etokeko Jazz Quarteto, liderado pelo pianista Nino Jazz, Mário Gomes (guitarra), Kris (baixo eléctrico) e Ivan Campillo (bateria).

Continuamos a aguardar por surpresas nesta música, o Jazz, que é o som do assombro, a música da eterna expectativa e do prazer que se renova sempre.

O Jazz é credor, com toda a legitimidade, de plateias mais amplas.

Apareçam!■

Luanda debruçada sobre o mar

E Luanda vai acompanhar a batucada jazzística pelo sexto ano consecutivo, sempre animada pelo poema de Archie Shepp “O Jazz é a flor que, apesar de tudo, desabrocha no pantanal”.

Com (ou sem) chuvas fortes e ventos inclementes faremos a festa no dia 30 de Abril, no Epic Sana, à dimensão da nossa pequenez, como os “Flagelados do Vento Leste”, do poeta de Cabo Verde, Ovídio Martins, que corre assim:

“Nós somos os flagelados do Vento-Leste! /A nosso favor/ não houve campanhas de solidariedade/ não se abriram os lares para nos abrigar/e não houve braços estendidos fraternamente para nós/Somos os flagelados do Vento-Leste! “

A cantora angolana Katiliana será uma das vozes da noite, acompanhada de um quinteto “Sound Trip Band” constituído por jovens músicos já sintonizados com o Jazz: Beny (piano eléctrico), José Somodo (saxofones), Kapa D. (baixo eléctrico), Divino Larson (guitarra) e Jackson Saka (bateria).

Katiliana não tem medo de arriscar e é uma voz com tudo para vencer, sempre, sempre a

Literatura

Crónicas de João Rosa Santos apresentadas em Malanje

A mais recente obra literária do escritor João Rosa Santos, intitulada *Etú Mu Diétu — Crónicas ao Acaso*, está à disposição do público leitor, na província de Malanje, desde sexta-feira (5), após apresentação durante uma cerimónia testemunhada por amantes da literatura, amigos, familiares e distintas individualidades locais.

Segundo noticiou a Angop, a sessão de vendas e autógrafos enquadrou-se nas jornadas comemorativas do 17.º aniversário do dia da paz e reconciliação nacional, a assinalado a 4 deste mês, e decorrerá até ao dia 20 com outros atractivos.

Lançada em Fevereiro último, em Luanda, *Etú Um Diétu*, que é uma expressão na Língua Nacional Kimbundu que em português significa “Entre Nós”, transporta o autor para as traquinices de infância vivida no bairro Maxinde, em Malanje, para além de retratar o actual contexto político, económico e social do país e de Malanje, em particular.

A obra reúne 39 crónicas, narradas em 200 páginas, nas quais o autor procura, com recurso à uma linguagem descomprometida, eternizar momentos bons e maus por que passou e que lhe serviram de aprendizado, assim como trazer à ribalta um manifesto de esperança e fé em relação ao futuro.

Ao intervir na cerimónia, João Rosa Santos disse que o livro constitui igualmente um apelo para o resgate dos bons hábitos e costumes, sobretudo no seio dos jovens, para além da necessidade de se conviver na diferença, amar o próximo e saber ser e estar, aspectos que tendem a decair nos últimos tempos.



João Rosa Santos, escritor